

APRENDIZAGENS ESSENCIAIS	<p>Oralidade Sintetizar o discurso escutado a partir do registo de informação relevante quanto ao tema e à estrutura. Produzir textos adequados à situação de comunicação, com correção e propriedade lexical. Utilizar de modo apropriado processos como retoma, resumo e explicitação no uso da palavra em contextos formais. Recorrer a processos de planificação e de avaliação de textos para melhoria dos discursos orais a realizar.</p> <p>Leitura Ler em suportes variados textos de diferentes graus de complexidade dos géneros seguintes: exposição sobre um tema e apreciação crítica. Realizar leitura crítica e autónoma. Analisar a organização interna e externa do texto. Clarificar tema (s), ideias principais, pontos de vista. Analisar os recursos utilizados para a construção do sentido do texto. Interpretar o sentido global do texto e a intencionalidade comunicativa com base em inferências devidamente justificadas. Utilizar métodos de trabalho científico no registo e tratamento da informação.</p> <p>Educação Literária Interpretar textos literários portugueses de diferentes autores e géneros, produzidos entre os séculos XII e XVI. . Contextualizar textos literários portugueses anteriores ao século XVII em função de marcos históricos e culturais. Relacionar características formais do texto poético com a construção de sentido. Comparar textos em função de temas, ideias e valores. Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos presentes nos textos. Desenvolver um projeto de leitura que revele pensamento crítico e criativo, a apresentar publicamente em suportes variados.</p>
--------------------------	--

Leia o excerto da **Crónica de D. João I** de **Fernão Lopes** que se apresenta de seguida.

Capítulo 148

Das tribulações que Lisboa padecia per minguia de mantimentos.

Ó quantas vezes encomendavam nas missas e pregações que rogassem a Deos devotamente por o estado da cidade! E ficados os geolhos¹, beijando a terra, braadavam a Deos que lhes acorresse, e suas prezes² nom eram compridas! Uñs choravam antre si, mal-dizendo seus dias, queixando-se por que tanto viviam, como se dissessem com o Profeta: «Ora veese a morte ante do tempo, e a terra cobrisse nossas faces, pera nom veermos tantos males!» Assi que rogavom a morte que os levasse, dizendo que melhor lhe fora morrer, que lhe serem cada dia renovados desvairados³ padecimentos. Outros se querelavom⁴ a seus amigos, dizendo que forom desaventuirada gente, que se ante nom derom a el-Rei de Castela⁵ que cada dia padecer novas mizquiindades⁶, firmando-se de todo nas peores cousas que fortuna em esto podia obrar.



10 Sabia porem isto o Meestre e os de seu Conselho, e eram-lhe doorosas d'ouvir taes novas; e veendo estes males a que acorrer nom podiam, çarravam suas orelhas do rumor do poboo.

Como nom querees que maldissessem sa vida e desejassem morrer alguũs homẽes e molheres, que tanta diferença há d'ouvir estas cousas aaqueles que as entom passarom⁷, como há da vida aa morte? Os padres e madres viiam estalar de fame os filhos que muito amavom, rompiam as faces e
15 peitos sobr'eles, nom tendo com que lhe acorrer, senom planto e espargimento de lagrimas; e sobre todo isto, medo grande da cruel vingança que entendiam que el-Rei de Castela deles havia de tomar; assi que eles padeciam duas grandes guerras, ãa dos emigos que os cercados tinham, e outra dos mantimentos que lhes minguvom, de guisa que eram postos em cuidado de se defender da morte per duas guisas⁸.

20 Pera que é dizer mais de taes falecimentos? Foi tamanho o gasto das cousas que mester haviam que soou uũ dia pela cidade que o Meestre mandava deitar fora todolos que nom tevessem pam que comer, e que somente os que o tevessem ficassem em ela; mas quem poderia ouvir sem gemidos e sem choro tal ordenança de mandado aaqueles que o nom tinham? Porem sabendo que nom era
25 assi, foi-lhe já quanto de conforto. Onde sabe que esta fame e falecimento que as gentes assi padeciam, nom era por seer o cerco perlongado⁹, ca nom havia tanto tempo que Lixboa era cercada; mas era per aazo das muitas gentes que se a ela colherom de todo o termo; e isso mesmo da frota do Porto quando veo, e os mantimentos serem muito poucos.

Ora esguardae¹⁰ como se fossees presente, ãa tal cidade assi desconfortada e sem neũa certa feúza¹¹ de seu livramento, como veviriam em desvairados cuidados quem sofria ondas de taes
30 aflições? Ó geeraçom que depois veo, poboo bem aventuirado, que nom soube parte de tantos males, nem foi quinhoeiro¹² de taes padecimentos! Os quaes a Deos por Sua merceee prougue¹³ de cedo abreviar doutra guisa, como acerca ouvires.

(1) **geolhos**: joelhos.

(2) **prezes**: preces, orações.

(3) **desvairados**: diversos.

(4) **querelavom**: queixavam-se.

(5) **que se ante nom derom a el-Rei de Castela**: por não se terem entregado ao rei de Castela em vez de.

(6) **mizquindades**: desgraças.

(7) **d'ouvir estas cousas aaqueles que as entom passarom**: entre ouvir estas coisas e passá-las.

(8) **guisas**: maneiras.

(9) **perlongado**: de longa duração.

(10) **esguardae**: observai, olhai.

(11) **feúza**: confiança, segurança.

(12) **quinhoeiro**: participante.

(13) **prougue**: agradou.

Apresente, de forma clara e bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

1. O excerto apresentado refere-se à situação vivenciada pelo povo de Lisboa dentro das muralhas da cidade.

1.1 Releia o primeiro parágrafo e explicita duas atitudes dos habitantes perante as dificuldades com que deparam.

1.2 Relacione as referências ao Mestre com a intenção de fornecer desta personalidade uma imagem de humanidade.

2. Retire do texto dois exemplos que demonstrem a necessidade que o cronista tem de estabelecer uma ligação com o leitor.

Entre Nós e as Palavras, Santillana.